



**Entrevista exclusiva concedida pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, ao jornal O Globo**

**Palácio do Planalto, 22 de novembro de 2007**

**Jornalista:** Sofreu com a Seleção ontem, Presidente?

**Presidente:** Sofri.

**Jornalista:** Que dificuldade, heim?

**Presidente:** Hoje eu vi o jogo do Equador contra o Peru, 5 a 1. O sacrifício que a Seleção Brasileira tem... Eu não vou fazer comentário sobre jogador para não ficar (inaudível) pessoas. Mas as pessoas precisam compreender...

**Jornalista:** Mas a culpa é do técnico?

**Presidente:** Veja, o técnico não tem muito mais jogador para colocar. A verdade é que centroavante, ou você tem o Ronaldão, ou você tem o Fabiano. Não tem outro. Você não tem jogador, teoricamente, melhor do que o Robinho, melhor do que o Ronaldinho, melhor do que Kaká. Agora, o pessoal tem que descobrir uma coisa: não é possível fazer gol se não chutar para o gol.

**Jornalista:** E isso ele faz bem.

**Presidente:** Um dia eu disse, num lançamento desses aí, que se eu fosse técnico de futebol, a minha ordem era a seguinte... todos os gols mais bonitos que a gente vê na televisão são gols que, teoricamente, parecem impossíveis. O cara chuta de fora da área, chuta do meio do campo, chuta de escanteio. O



Luiz Fabiano ontem, por exemplo, aquele primeiro gol dele, se ele tentasse cruzar a bola, certamente um cara do Uruguai pegaria. Ele chutou para o gol e passou.

**Jornalista:**(inaudível)

**Presidente:** Você viu o frango do goleiro da Inglaterra, hoje? Mas por que ele tomou o frango? Porque alguém chutou para o gol. Agora, eu acho que muitas vezes os jogadores brasileiros querem driblar todos os jogadores da defesa, depois querem driblar o goleiro e só chutam para o gol se não tiver ninguém. O gol do Kaká contra o Peru, ele chutou, se não chutasse não saía aquele gol. Então, eu acho que a palavra de ordem deveria ser a seguinte: pegou bola fora da área, mete ela para o gol.

**Jornalista:** Tem que arriscar, não é?

**Presidente:** Chuta 10, uma entra. Agora, a televisão mostra lá... medindo, como falam, o tempo, a posse de bola. Às vezes o time fica 64 minutos com a posse de bola. Quantos chutes a gol? Nenhum.

**Jornalista:** O Brasil, no segundo tempo, acho que deu um chute a gol, só. Um chute a gol e um gol.

**Jornalista2:** Se não chuta a gol não marca gol.

**Presidente:** Então, eu acho que essa é a deficiência do Brasil: pouco chute a gol. Eu até ia descobrir, onde é que está aquele Adriano?

**Jornalista:** O Adriano está numa clínica de recuperação.



**Presidente:** Eu recuperaria ele logo, porque alguém precisa chutar.

Bem, companheiros, eu queria começar esta entrevista dizendo para vocês algumas coisas que eu acho importante dizer, antes de começar a responder as perguntas. Nós vamos terminar o ano de 2007 com o Brasil vivendo, eu diria, um dos seus melhores momentos históricos, do ponto de vista da economia, do crescimento, da redução do desemprego, da distribuição de renda, do crédito. E isso me faz compreender que parece que o Brasil vive um momento em que ele se encontrou consigo mesmo. A possibilidade de o País crescer durante um longo período é muito grande, nós só não podemos cometer nenhum erro. Eu continuo dizendo que na economia nós não temos o direito de fazer mágica. Economia é economia, as coisas têm que ser feitas à luz do dia, não tem lançamento de pacotes e mais pacotes, achando que tem uma mágica. Eu acho que os dados do IBGE hoje demonstram que nós temos o menor índice de desemprego da série histórica dessa aferição de desemprego. Isso é extraordinário porque o que o País precisa, na verdade, como resultado do crescimento, é que a gente gere oportunidade de trabalho para as pessoas.

Eu acho que agora depende da serenidade do governo, depende da serenidade do Congresso Nacional, depende da serenidade dos empresários brasileiros e depende de o povo brasileiro também acreditar que ele é responsável por este momento que o Brasil está vivendo. Nisso não existe mérito pessoal, mérito partidário, nem mérito grupal. Isso é um mérito que a sociedade brasileira foi conquistando. Ela compreendeu, quando nós tivemos que fazer o sacrifício, em 2003, e ela compreendeu muito bem. Nós fizemos o sacrifício aumentando o superávit primário, fizemos contingenciamento, porque nós precisávamos fazer uma troca da moeda política com a política econômica, ou seja, nós tínhamos que aproveitar o momento em que o governo tinha muita credibilidade política para fazer o arrocho que tinha que ser feito, porque nós



compreendíamos que apenas fazendo assim é que a gente poderia dar uma chance ao Brasil.

Eu acho que agora nós estamos prontos para o passo seguinte.

**Jornalista:** O senhor acha que o arrocho não é mais necessário?

**Presidente:** Não é.

**Jornalista:** Já foi feito.

**Presidente:** Já foi feito. Veja, enquanto arrocho. Enquanto outras políticas e reformas, nós vamos continuar fazendo. O que é importante é que nós anunciamos um conjunto de programas que vão desabrochar definitivamente a partir, eu diria, de fevereiro ou março de 2008. As grandes obras que estão previstas, desde o Comperj, no Rio de Janeiro, que começa o serviço de terraplanagem a partir de março do ano que vem, e que será um investimento, talvez o mais importante investimento do Brasil, talvez o investimento mais importante no Rio de Janeiro. Assim como o trabalho de saneamento básico no Complexo de Maginhos e no Complexo do Alemão são talvez os maiores investimentos em atacar o problema urbano das grandes cidades. Tudo isso desabrocha definitivamente a partir do ano que vem.

Eu acho que vamos ter um ano de 2008 melhor do que 2007, acho que a economia vai crescer mais, acho que o emprego vai crescer mais, acho que a renda vai aumentar. E acho que o Brasil pode, a partir daí, se considerar um País de economia definitivamente estável e pode procurar outros assuntos para discutir e não discutir mais a inflação, por exemplo, que vai ficar a 4%. Nós temos uma banda de 2,5% para cima ou 2,5% para baixo, mas ficaremos atentos à inflação.

Eu convivi mais da metade da minha vida do outro lado do balcão, sendo



trabalhador e sendo vítima da inflação. Eu sei o que ela representa para o salário do trabalhador. Portanto, eu vou trabalhar com todo o rigor possível para que a inflação se mantenha na faixa dos 4%, se puder, até um pouco menos. Mas não precisa mais fazer esforço, como fizemos em 2003, para reduzir a inflação.

**Jornalista:** Agora, essa sua previsão de que a economia continue melhorando no ano que vem não muda? Não tem um caminho alternativo, na hipótese de a economia mundial sofrer um novo tranco? Coisa que não aconteceu, nesse período todo.

**Presidente:** É importante atentar para uma coisa. O mundo hoje tem uma novidade e essa novidade não tem previsibilidade, de curto prazo, de qualquer problema. Quais são os fatos novos que nós temos na economia mundial? Nós temos de um lado a China, que ao mesmo tempo em que é um adversário e que compete de forma vigorosa em cada mercado, é uma parceira extraordinária na balança comercial do Brasil. Nós temos a Índia... Veja que a China ainda tem que resolver o problema de quase um bilhão de habitantes, por enquanto resolveu o de 300 milhões. Você tem na Índia um bilhão de habitantes, que está também participando fortemente do mercado, não apenas vendendo, mas comprando. Você tem o Continente Africano, em que grande parte dos países está consolidando o seu processo democrático. Peguem a balança comercial do Brasil com o continente africano, e vocês vão perceber que nós pulamos de 2 e pouco para 15 bilhões, numa demonstração de que eles estão se encontrando. Em todas as viagens que faço, eu tenho dito para todos os dirigentes: a única possibilidade de um país crescer é ele estar em paz e consolidar a democracia. Se ele tiver que gastar recursos produzidos pelo país para luta interna, para guerra, esse país não vai progredir. E nós temos a América Latina, toda a América Latina, que hoje é a maior parceira



comercial do Brasil, mais do que a União Europeia e mais do que os Estados Unidos.

Então, essa diversificação e essa entrada de agentes novos no mercado, permitem à gente dizer que não há previsibilidade de crise em nível internacional. Tem a crise americana que, por enquanto, não conseguiu atravessar o Atlântico e também não atingiu outros países a não ser aqueles países onde os investidores resolveram ganhar dinheiro fácil e quebraram a cara. O cidadão, quando vai a um cassino jogar, pode sonhar em ganhar bilhões, mas ele pode sonhar e, numa tacada só, perder. E esses títulos imobiliários fizeram muita gente perder dinheiro.

**Jornalista:** Complementando, não há previsibilidade de crise internacional, a crise americana não está com força para contaminar o cenário mundial. Mas, alguns economistas falam da possibilidade, da vulnerabilidade, que eu não sei o tamanho dela, de a economia brasileira ter que enfrentar uma crise mundial. O senhor acha que essa economia brasileira já está mais forte hoje?

**Presidente:** Acho. Ela está. É só você imaginar que quando nós chegamos aqui, tinha 30 bilhões de dólares do FMI depositados, como reservas do Brasil. Nós não só já pagamos essa dívida como temos, aproximadamente, 175 bilhões de dólares de reservas. E não é apenas isso, o mercado interno brasileiro está se fortalecendo. Se vocês perceberem, não foram muitos os momentos históricos em que o Brasil combinou o crescimento do mercado externo com o crescimento do mercado interno. Este ano nós vamos ter, talvez, um dos melhores natais de toda a história deste País. Por quê? Porque uma camada imensa de seres humanos que, ao longo de décadas, ficaram marginalizados, estão entrando na sociedade que compra alguma coisa, na sociedade que produz alguma coisa.

Então, o crescimento do mercado interno hoje... é só ver a indústria



automobilística brasileira. Eu vinha conversando há muito tempo com a indústria automobilística, de que era preciso compreender como funciona o povo brasileiro. Um cidadão de classe média alta pode querer trocar o seu carro todo ano, a cada dois anos, a cada três anos, mas a pessoa mais pobre... eu não sei se vocês tiveram a sensação que eu tive quando tive o meu primeiro “fuqueta”. Eu era de lavar o carro todo sábado, lavar a roda. Aquilo você trata como se fosse um ente querido. E eu dizia para a indústria automobilística: na hora em que a gente aumentar o número de prestações... uma parte da população mais pobre não quer saber o custo final, ela quer saber se a prestação cabe dentro do seu bolso. Se couber, ela compra. Ora, elevou o número de meses de financiamento do carro, o que aconteceu com o carro? Estourou o mercado interno.

**Jornalista:** Ninguém mais vende carro usado.

**Presidente:** E eu estou propondo agora fazer o mesmo para os caminhões. Nós temos uma frota de caminhão envelhecida, com 18 anos em média. Na hora em que a gente aumentar o número de meses para a pessoa pagar um caminhão, nós vamos ter outros milhares de caminhões novos transitando. Então, eu acho que esse é um componente forte, que me dá a segurança de dizer para vocês que estamos mais preparados para enfrentar a crise externa do que em qualquer outro momento histórico do nosso País.

**Jornalista:** Duas questões, Presidente. Esse avanço das camadas que antes não consumiam, existe, claro, é visto, mas muito se dá com base no crédito. Muita gente se endivida para poder fazer isso, não está vindo só o dinheiro que está sobrando em casa, vem do endividamento. Isso não pode também ser um fator para se criar, enfim, uma bola de neve, a famosa bolha, que acontece em qualquer país, inclusive nos Estados Unidos. Esse é o grande problema da



bolha americana hoje, em outro nível, muito mais...

**Presidente:** O problema dos Estados Unidos é outro. O problema dos Estados Unidos é que teve gente que aceitou... Qual era a lógica dos Estados Unidos? Você comprava uma casa por 300 mil dólares. Passados dois anos, o valor daquela casa aumentava em 100 mil dólares, e você poderia fazer um crédito de mais 100 mil dólares. Na hora em que desvalorizaram os imóveis, você ficou pendurado. Nós não temos esse problema aqui, esse não é o nosso modelo. O nosso modelo é que as pessoas estão se endividando para comprar as coisas que elas precisam dentro de casa. As pessoas querem comprar uma geladeira, as pessoas querem comprar uma televisão, as pessoas querem comprar um telefone, as pessoas querem comprar um carrinho, as pessoas querem comprar mais roupas. É só vocês irem, não sei se lá no Saara, no Rio de Janeiro, mas vão à 25 de Março, em São Paulo, para vocês verem uma população de causar inveja à China. Não há lugar do mundo que tenha mais gente comprando do que naquela 25 de Março. Por quê? Porque o povo está tendo um pouquinho de dinheiro, porque o povo está tendo certeza de que as coisas estão controladas, porque o povo está tendo certeza de que o emprego está crescendo. Isso motiva o cidadão e a cidadã a ir às compras, a comprar. Isso é bom. A pessoa compra, a loja vende, a loja contrata da empresa, a empresa produz e gera mais emprego.

Nós agora estamos vivendo que momento? Isso eu queria que vocês compreendessem bem. Os investimentos agora estão acontecendo, vocês estão vendo que o BNDES já emprestou mais do que em qualquer outro momento. Por quê? Porque quando a economia começa a crescer, num primeiro momento, o que faz o empresário? Ele contrata hora extra. Num segundo momento, o que ele faz? Um terceiro turno. Aí, somente quando ele percebe que está consolidado o crescimento, ele parte para construir um novo galpão na sua fábrica. Há muitas décadas – você sabe que eu trabalhei muito





tempo em São Bernardo do Campo –, a empresa automobilística não estava fazendo hora extra no sábado e no domingo. Agora estão fazendo hora extra no sábado e no domingo, porque a demanda é muito grande.

Um caminhão está demorando quatro meses, cinco meses para ser entregue. Ora, é um problema gostoso, este. Quando alguém fala para mim: “está faltando engenheiro”, eu falo: é um problema, mas é um problema menos ruim do que se tivesse um engenheiro querendo trabalho e não tivesse trabalho.

**Jornalista:** O senhor mencionou que um caminhão demora quatro, cinco meses para ser entregue. Essa é uma preocupação que está dentro do debate dos economistas: se não existe uma limitação para o crescimento do País, se a gente não corre o risco de chegar a bater com a cabeça no teto e não ter como expandir mais ainda.

**Presidente:** Não existe essa possibilidade.

**Jornalista:** Nós não temos gargalos de infra-estrutura?

**Jornalista2:** Essa coisa de você demorar quatro meses para entregar um caminhão... As montadoras também estão pedindo prazo para entregar os carros. Tem a situação do cimento também, que recentemente foi colocada na imprensa, da dificuldade de encontrar cimento no mercado.

**Presidente:** Essa é até uma fotografia melhor do que a fotografia do pátio da indústria automobilística lotado de carros. E aquelas manchetes de jornal: “Indústria automobilística fecha no vermelho”. Era uma manchete boa? É importante lembrar que a construção civil ficou duas décadas sem crescer. Depois de todas as mudanças nos marcos regulatórios que nós fizemos em



2003/2004, ainda assim levou um ano. Eu me lembro que quando nós fizemos a mudança na legislação para facilitar a compra da construção civil, um empresário, num discurso na CNI, disse o seguinte: “Presidente, nós temos possibilidade agora de investir 13 bilhões e não estamos preparados”. Ora, se o cidadão estava há 20 anos sem fazer investimentos, e de repente aparece a oportunidade, ele começa a investir. E nem todo mundo está preparado. Agora é que as pessoas estão se dando conta, você pode perceber e pegar os dados: cresce o investimento da empresa privada, cresce o investimento externo no Brasil, cresce o investimento do governo. Por quê? Porque todo mundo está percebendo que está consolidada a estabilidade brasileira.

**Jornalista:** Os gargalos na infra-estrutura, como o Mineiro falou. Tem uma previsão de quanto a gente pode melhorar, por exemplo, estradas? Eu sei que tem o PAC, hoje mesmo o ministro Paulo Bernardo está falando que o PAC está meio lento, mas vai acelerar a partir do ano que vem, como o senhor também já disse. Mas a situação da infra-estrutura no Brasil comporta um crescimento de 5%, 4,5%? Tem a crise energética...

**Jornalista2:** O cobertor é curto? Ontem mesmo a Aneel disse que pode voltar a faltar gás em janeiro. Claro que, segundo eles, é garantia primeiro da energia elétrica.

**Presidente:** Deixem-me dizer para vocês da questão da infra-estrutura. É preciso que a gente pegue um mapa do que se investia em infra-estrutura no Brasil. O último investimento em infra-estrutura, com uma certa magnitude, foi feito no governo Geisel. Do governo Geisel para cá, vocês têm que analisar quanto tempo passou até a gente lançar o PAC. E por que a gente lançou o PAC? Porque nós construímos a possibilidade de o Brasil poder voltar a investir em infra-estrutura. E essas coisas não acontecem num dia. Entre você



determinar que vai construir uma estrada e ela acontecer, leva anos. Por que eu disse agora, no começo da conversa, que o PAC desabrocha de vez a partir do ano que vem? Vocês, no ano que vem vão ter o privilégio, quem mora no Rio, quem mora em Brasília, quem mora em São Paulo, quem mora, sobretudo, nas 13 principais capitais deste País, vocês vão ver a quantidade de obras de saneamento básico que vai acontecer nas grandes cidades. É muito dinheiro, são 40 bilhões de reais, e isso desabrocha porque tem o problema do processo, a questão ambiental, depois você ainda faz a licitação e a empresa que perde entra com recurso contra a outra, tudo isso demora meses. Agora, quando tudo isso estiver resolvido, nós vamos ter uma quantidade de máquinas trabalhando de forma extraordinária.

A questão do gás. Esses dias vocês viram uma entrevista do companheiro da ONS. De vez em quando, no Brasil, a gente tenta mistificar as coisas. Nós estamos com o nosso sistema elétrico muito mais preparado do que estivemos em qualquer outro momento. Por quê? Porque nós estamos fazendo uma interligação de todo o sistema brasileiro. Para quê? Para que quando tiver problema de chuva numa região e não tiver na outra, você possa transferir energia de uma região para a outra, para não permitir que se repita o que aconteceu em 2001. O que aconteceu em 2001? Você tinha excesso de água no Sul do País e falta de água no Sudeste brasileiro. Então, o Sul estava produzindo energia e não tinha como transferir, porque não tinha um conjunto de linhas de transmissão. Depois, eu posso pegar para vocês, ou o Franklin dá para vocês, a quantidade de quilômetros de linhas de transmissão que nós já fizemos. Só para vocês terem idéia, nós já fizemos quase 25%, em quatro anos, de tudo que foi feito em 123 anos. Essa é uma coisa.

Nós temos um potencial hídrico extraordinário. É difícil fazer uma hidrelétrica? É, porque nós mesmos criamos as dificuldades para nós. O marco regulatório que existe no Brasil sobre a questão ambiental, sobre a questão da licitação, não foi feito por outro país, foi feito por nós. Então, nós temos uma



demora porque foi feito um marco regulatório que exige que se cumpra determinadas regras. Bem, nós agora vamos começar a construir no rio Madeira, o Brasil tem um potencial de quase o dobro dos megawatts que nós produzimos hoje de energia hídrica, que é renovável e é limpa. Obviamente que nós precisamos sempre ter em conta que precisamos cuidar da questão ambiental. O rio Madeira foi um exemplo do trabalho penoso para fazer uma hidrelétrica. Nós vamos fazer a licitação dela [Jirau] agora em dezembro e, se Deus ajudar, em fevereiro nós faremos a de Santo Antônio. Estamos trabalhando o projeto de outras hidroelétricas porque nós queremos, quando deixarmos o governo, além de estar fazendo hidrelétricas, nós queremos deixar uma prateleira de inventário de hidrelétricas, com projetos que possam ser feitos imediatamente por quem vier a partir de nós, em 2011.

**Jornalista:** Mas, então, o senhor não acredita em racionamento, em crise de gás?

**Presidente:** Não acredito.

**Jornalista:** O caso da energia elétrica (Inaudível) do gás.

**Presidente:** Qual é o problema do gás? É preciso compreender que é uma matéria-prima em que nós não temos auto-suficiência. Nós dependemos, de uma parte, de 30 milhões de m<sup>3</sup> que importamos da Bolívia e nós dependemos, de uma parte, da Petrobras. Ora, nós não temos o gás que as pessoas gostariam que tivéssemos. Se Deus ajudar, e esse anúncio da Petrobras se confirmar...

**Jornalista:** Pelo jeito, ele é brasileiro, não é, Presidente?



**Presidente:** ...aí, sim, estará resolvido o problema do gás, definitivamente, no Brasil.

Deixe-me explicar para vocês uma coisa que é importante compreender, foi até motivo de uma conversa minha com o governador Sérgio Cabral. Nós temos uma limitação de gás. Estou indo à Bolívia no dia 12 de dezembro e uma das coisas que nós queremos acertar é mais investimento da Petrobras para poder achar mais gás, porque nós precisamos importar gás. Se o gás da Bolívia começa a faltar para atendimento do mercado interno da Bolívia, obviamente que qualquer país do mundo vai querer resolver o problema do seu mercado interno. A Bolívia ainda tem a responsabilidade, o compromisso de atender a Argentina, atender o Chile e atender o Brasil. Então, nós precisamos fazer investimento lá, e vamos decidir isso no dia 12, com o Evo Morales.

**Jornalista:** O senhor tem idéia do nível do investimento?

**Presidente:** Nós estamos comprando, estamos alugando um navio para importar gás, trazer o gás regaseificado, ele tem que ser congelado a 160º abaixo de zero. Estamos montando dois portos aqui para depois...

**Jornalista:** Trazer de onde?

**Presidente:** Nós vamos importar de onde tiver gás, seja do Catar, seja da Argélia. O problema é que nós só temos três navios no mundo. Então, nós vamos importar esse gás.

**Jornalista:** E o senhor está comprando quantos?

**Presidente:** Estamos alugando. Nós queríamos alugar dois. Acontece que um, parece que fica... pode fazer a primeira viagem em 2008. O outro, vamos



esperar 2009, quando sair. Então, nós vamos ter que importar gás. A nossa expectativa com o PlanGás é que a Petrobras está fazendo grandes investimentos para ver a possibilidade de encontrar novos campos de gás. Se a gente encontrar, está resolvido. Eu estou dizendo isso para mostrar o que aconteceu no Rio de Janeiro.

A Petrobras tem uma quantidade de metros cúbicos que ela dá a duas empresas de gás no Rio de Janeiro e à Comgás, em São Paulo, porque a responsabilidade de distribuir o gás é das empresas estaduais, está na Constituição. A Petrobras só entrega para elas. A Petrobras não tem nem torneira para controlar, e eu acho que a Petrobras tem que ter a torneira, para controlar. O que acontece? Nós temos um contrato que estabelece uma quantidade tanto para a Comgás quanto para a CEG, e temos uma quantidade que não tem contrato. O número eu posso dar depois, exato, para vocês, o Franklin dá, a gente pode dar o número exato.

Então, o que aconteceu? No nosso sistema elétrico as termelétricas foram feitas como o especialista dentro do hospital. Ele só é chamado em casos graves. Primeiro, você vai ao clínico geral, depois você... O que acontece? O sistema de termelétricas no Brasil funciona como uma espécie de linha auxiliar do sistema energético brasileiro. Na época em que os lagos ficam vazios e baixam, a partir de 48%, me parece que é o número exato, é obrigado a acionar a termelétrica, porque é prioridade. Às vezes, no histórico do nosso sistema elétrico, dificilmente nós ficamos três meses com problemas. Às vezes são 15 dias, às vezes são 20 dias. Então, às vezes, as termelétricas vão precisar funcionar 15 dias por ano. Ora, se elas só funcionam 15 dias por ano, a cada 15 dias as pessoas têm que compreender que a prioridade do País é a energia na casa das pessoas. Se o cidadão tem um carro a gás, não tem sentido ele estar utilizando o gás e chegar na casa dele e a família estar no escuro. Então, só nesse caso é que a gente transfere o gás. Fora disso, o gás está aí para ser vendido.



**Jornalista:** Mas o gás pode comprometer o crescimento? A falta de gás...

**Presidente:** Não pode. Primeiro, o gás faz parte da matriz energética brasileira, mas todo mundo tem que saber que o Brasil não produz a quantidade de gás que nós precisamos. É por isso que estamos discutindo com o governo da Venezuela a possibilidade do gasoduto, que ligaria da Venezuela até a Argentina. Esse é um projeto de muita envergadura, as equipes estão trabalhando tecnicamente para ver a possibilidade, porque se nós introduzirmos o gás como matriz definitiva nas nossas necessidades energéticas, nós temos que ter auto-suficiência e ter contratos de longo prazo para a gente não ter problema com gás.

**Jornalista:** Presidente, o senhor acha que houve algum erro na negociação com a Bolívia, já que sabemos, de anos, que o Brasil não é auto-sustentável em gás? Houve algum probleminha ali, que não poderia ter havido, diante da gravidade dessa situação?

**Presidente:** Não houve erro. Eu não vou contar para vocês, porque é uma história longa, mas seria importante que vocês conversassem com alguém da Petrobras sobre o histórico do gás no Brasil. O gás, no Brasil, quando ele veio nós tivemos que pagar, por vários anos, 24 milhões de metros cúbicos, e só utilizávamos 10, não utilizávamos todos. Por quê? Porque a gente não estava com as termelétricas prontas. E também muita gente ainda não utilizava o gás. Houve todo um trabalho de convencimento para a pessoa colocar o gás.

Nós achamos que o gás melhora o produto, ele é mais barato, mas o Brasil tem a felicidade de não depender apenas de uma matriz. Tem pessoas que só têm gás, tem pessoas que só têm energia nuclear. O Brasil tem álcool, gasolina, biodiesel, gás. Então, o Brasil tem uma gama. O cidadão pode achar



ruim porque ele vai pagar uma coisa mais cara do que a outra, mas não vai ficar parado com o carro na rua por falta de combustível. E nós vamos trabalhar, o PlanGás é para isso, é para o Brasil se tornar auto-suficiente na questão do gás. Por isso, temos grandes investimentos, são 4 mil e 700 quilômetros de gasoduto que estamos construindo, preparando o Brasil para que a gente possa encontrar, se Deus ajudar, lá na camada pré-sal...

**Jornalista:** Quero só colocar mais um dado na questão do gás, é que não são só os carros que foram convertidos para gás. Tem muitas indústrias de cerâmica, produtos cerâmicos, vidros...

**Presidente:** Nós achamos bom que seja assim, porque melhora o produto da empresa, barateia o produto da empresa. Agora, as pessoas têm que compreender que, num determinado momento do ano, entre uma coisa e a sociedade brasileira ficar sem luz, nós vamos garantir energia para o povo brasileiro.

**Jornalista:** Ou seja, faltou um pouco de planejamento e comunicação nesse episódio específico?

**Presidente:** Eu acho que faltou. Depois o Franklin pode falar para vocês. Eu até conversei com o Sérgio Cabral, numa reunião que eu fiz com todos os deputados, e falei para o pessoal: se em algum momento chega na padaria e o cara fala: “não vai ter pão de trigo, mas eu tenho aqui uma broa de milho”, você vai levar a broa de milho para comer, você não vai fazer greve na porta da padaria porque não tem o trigo para te entregar. Então, eu acho que foi uma coisa muito temporária. Obviamente, nós trabalhamos com uma visão de médio prazo e longo prazo. Por isso, para nós a questão energética é prioridade, não apenas no Brasil, mas prioridade na América do Sul. Esse é um tema que tem





acontecido em todas as discussões. Nós temos que fazer, e eu já propus na reunião da UnaSul, um levantamento do potencial hídrico de toda a América do Sul, para a gente interligar os países com energia elétrica.

Agora mesmo conversei com a Cristina Kirchner sobre Garabi, uma hidrelétrica de 3 mil megawatts, que pode ser feita uma binacional entre o Brasil e a Argentina. Estamos conversando com o Evo Morales para ver a possibilidade de fazer uma terceira hidrelétrica binacional entre Brasil e Bolívia. Por quê? Porque nós precisamos dar garantia às pessoas que querem investir no Brasil, de que elas vão ter energia para fazer investimento.

**Jornalista:** Presidente, voltando a falar em investimentos, o senhor disse que o investimento em infra-estrutura está crescendo, os números estão aí, mas ainda há um crescimento maior dos gastos públicos. Se a gente olhar as tabelas, infra-estrutura tem crescido, mas os gastos públicos, aquela história do tamanho do Estado também está crescendo. O senhor vê uma possibilidade de inversão?

**Presidente:** Não acontece isso. Eu vou te dar um número. Veja, primeiro os investimentos em infra-estrutura estão crescendo como nunca cresceram. Eu vou dar só um exemplo para vocês: nós saímos de 2 bilhões do orçamento do Ministério dos Transportes para 10 bilhões, não é pouca coisa. Eu vou dar um exemplo para vocês. Em 2003, a gente gastava, do PIB, 4,6% com pessoal. Em 2006 estamos gastando 4,6%. Em 1995, se gastava 5,3%.

**Jornalista:** Do PIB, não é? Com pessoal.

**Presidente:** Não é possível, de vez em quando eu ouço as pessoas dizerem que o funcionalismo público ganha muito. Eu fico com inveja do salário da iniciativa privada para funções que eles acusam que no Brasil se ganha muito.



Você pega um homem da Petrobras, que ganhava 26 mil reais por mês, ele foi ganhar 200 mil por mês em outro lugar, não vou dizer o local e não vou dizer a pessoa, porque o salário dele é coisa que interessa a ele.

Peguem o salário do Franklin com o salário de vocês. Peguem o salário do Nelson, é só perguntar quanto que o Nelson ganhava quando trabalhava e quanto é agora...

**Jornalista:** Não deve ser tão baixo.

**Presidente:** Se a gente quiser governar este País direito, e fazer as coisas acontecerem... Vocês sabem, no DNIT inteiro, quantos engenheiros tinha para fazer medição de ponte? Um, num País deste tamanho. Olha, significa não querer fazer. Então, quando nos propusemos a contratar 300 engenheiros, é porque é extremamente importante, num território com 8,5 milhões de Km<sup>2</sup>, com quase 2 mil obras do PAC acontecendo, que você tenha uma equipe de engenheiros para transitar este País e fiscalizar essas obras.

Eu me lembro, no começo do governo, quando a Marina, quase chorando, falava: “Presidente, nós temos não sei quantos milhões de hectares de terra transformados em parque e eu só tenho uma pessoa para tomar conta, Presidente. Ele não tem carro, ele não tem gasolina, ele não tem nada”. Sabe, nós precisamos aperfeiçoar o Estado brasileiro.

**Jornalista:** Eu só acho que os gastos têm mesmo que aumentar, se aumentarem, e forem justificáveis.

**Presidente:** Se fosse possível fazer a máquina funcionar diminuindo o dinheiro, seria ótimo. Quem tentou fazer isso... É importante lembrar que entre 1900 e pouco até 2003, foram mandados embora quase 12,5 milhões de servidores públicos, pegando municípios, estados e União. E o que aconteceu?



Na verdade, na maioria dos estados piorou, na maioria das prefeituras piorou, porque precisa um tanto de gente para trabalhar. Você não vai melhorar a saúde sem contratar médico, você não vai melhorar a educação sem contratar professor. Como é que eu faço na hora em que eu construo 214 escolas técnicas profissionais, faço 10 universidades federais novas, faço 48 extensões universitárias, como é que eu faço para preencher essas escolas para dar aula? É colocar aluno, colocar professor, colocar funcionário. No dia 3 de dezembro vamos anunciar o PAC da Saúde, e vamos investir 24 bilhões até 2010, e vamos precisar contratar gente, mais médicos, mais especialistas, porque senão a máquina não funciona.

**Jornalista:** É que o histórico, talvez eu não tenha colocado bem, o histórico do crescimento dos gastos no Brasil nos últimos 10 anos, não é de hoje, ele está sempre acima do PIB. O senhor vê possibilidade de se crescer menos, ou não tem como?

**Presidente:** Eu estou mostrando para você que nós estamos...

**Jornalista:** É que é uma equação complicada essa, do gasto ser maior que o PIB sempre, não é? Mesmo nesse número.

**Presidente:** Se você quiser comparar o PIB, eu vou dizer para você que em 1995 se gastava 5,3% do PIB com pessoal. Hoje nós gastamos 4,6%.

**Jornalista:** Pois é, pode diminuir ou não.

**Jornalista2:** Mas isso ainda está acima do crescimento do País, é isso que a gente está falando aqui.



**Presidente:** Não, não está acima, o crescimento do País vai ser mais.

**Jornalista:** Vai ser?

**Presidente:** Eu não sei, eu estou otimista.

**Jornalista:** Então, mas nós estamos trabalhando com os dados existentes.

**Jornalista2:** Como é que sai dessa... Estamos encurralados, porque se gasta sempre mais do que se cresce e precisamos gastar mais, senão não cresce. Como é que o senhor vê isso?

**Presidente:** Você vai cada vez mais melhorar a arrecadação do Estado, você vai cada vez mais melhorar a gestão do Estado, na medida em que você melhora a qualidade das pessoas que trabalham. Você sabe o que custa, para nós, fazer um concurso para advogado-geral da União? O que custa, para nós, fazer um concurso para o Inmetro? As pessoas se formam, fazem um concurso depois de... Eu agora fiquei sabendo que tem até cursinho para ensinar a fazer concurso. As pessoas passam num concurso, e quando você chama, as pessoas não querem trabalhar porque o salário é pequeno?

**Jornalista:** O presidente do Ipea, o Pochmann, disse que o Estado brasileiro é raquítico. É uma opinião parecida com a do senhor. O senhor acha que ainda tem muito que crescer o Estado brasileiro ou dentro dessa lógica de que precisa prestar mais serviços...

**Presidente:** O Estado brasileiro vai crescendo na medida em que o País vai necessitando de um Estado que precise crescer mais. Eu acho que a tese do Márcio Pochmann é correta. Se você comparar o número de funcionários



públicos com a população brasileira, percebe que o Brasil é um dos países que tem menos. Qual é o problema? O problema é que nós temos uma parcela imensa de funcionários mal-remunerados e, portanto, muita gente desmotivada...

**Jornalista:** Produzindo pouco.

**Presidente:** ...muita gente desmotivada. E isso vale para qualquer um, vale para o setor público e vale para vocês. O dia em que vocês acharem um emprego melhor, que pague mais, vocês vão chegar para a empresa em que vocês trabalham: “eu amo vocês, adoro vocês, devo muito da minha vida, mas obrigado, eu vou cuidar da minha vida”. Então, nas categorias de Estado, aqui, na Receita Federal, na Advocacia-Geral da União, você tem um problema de preencher, porque as pessoas são contratadas pela iniciativa privada, ganhando muito mais.

**Jornalista:** Presidente, mas o senhor vem fazendo um trabalho, desde o primeiro mandato, de recompor isso, de contratar mais pessoas, de melhorar a remuneração. O senhor acha que os resultados disso estão aparecendo ou ainda estão na fase de...

**Presidente:** É só você olhar o resultado do País. Obviamente que estão acontecendo.

**Jornalista:** Eu digo no sentido do atendimento que a população espera do serviço público.

**Presidente:** Melhorou muito, e ainda falta melhorar muito. Eu digo sempre o seguinte, eu vou repetir, mas dizem que é sempre bom a gente repetir: eu



tenho duas coisas que me deixam feliz e me deixam triste ao mesmo tempo. Eu sou feliz pelo que nós já conseguimos fazer e, muitas vezes, fico triste porque acho que nós precisamos fazer muito mais. Isso é como conquista da sociedade, ou seja, na medida em que a sociedade vai conquistando uma coisa, não pense que ela, no ano que vem, vai agradecer a você. Ela vai querer mais. Graças a Deus é assim porque, graças a Deus, isso só acontece num país democrático.

**Jornalista:** Falando em Pochmann e em Ipea, Presidente, o que o senhor achou dessa polêmica de troca de dirigentes do Ipea? Há um consenso na comunidade, não sei se consenso, mas muitas pessoas da comunidade acadêmica e do próprio Ipea acham que houve uma certa perseguição ou enquadramento do Ipea. O que o senhor acha disso?

**Presidente:** Se isso tivesse um mínimo de verdade, o Márcio Pochmann não estaria no Ipea.

**Jornalista:** Por quê?

**Presidente:** Porque ele escreveu vários artigos, criticando o governo. Meu Deus do céu, o mínimo de direito que tem alguém que é colocado num cargo de presidente de uma instituição como o Ipea, é colocar quem ele queira colocar, trocar quem ele queira trocar. Se nós proibirmos um presidente de uma instituição... Eu contrato um de vocês para ser presidente do IBGE e se vocês não tiverem o direito de trocar ninguém, vocês não vão nem aceitar.

**Jornalista:** É que o Ipea, dizem que é uma instituição mais...

**Jornalista2:** Eles são pesquisadores...



**Presidente:** Ótimo, mas você há de convir que o Pochmann tem o direito de dizer: “eu quero tal pesquisador comigo e não quero esse”. É o mínimo que eu espero que ele tenha, de direito.

**Jornalista:** Da parte do senhor, em algum momento o senhor se incomodou com estudos, com críticas feitas por esses pesquisadores do Ipea?

**Presidente:** Nunca me incomodei e não vou me incomodar, até porque se o cidadão pesquisou e encontrou um resultado, é problema dele.

**Jornalista:** O que chama a atenção nesse caso, Presidente, é que acabou se concentrando em quatro economistas que tinham uma postura mais crítica em relação à política econômica do governo...

**Presidente:** Quem conhece o Márcio Pochmann sabe que, se tem uma pessoa crítica neste País, é ele. Pergunte para ele se houve algum pedido a ele para não fazer críticas ao governo. Ele é presidente de um instituto de pesquisa. Na hora em que ele entender que alguma coisa não está certa, ele vai e fala.

**Jornalista:** Mas, Presidente, ali também isso nunca tinha acontecido.

**Jornalista2:** O Ipea era considerado uma espécie de ilha de excelência, uma ilha apartidária, apolítica, e isso foi acontecer...

**Presidente:** O Ipea, desde que eu coloquei o Glauco lá, eu disse para ele: é preciso fazer o Ipea ser, efetivamente, um instituto de pesquisa aplicada e produzir coisas para o País, planejamento para o País. Depois o Glauco saiu, ficou o interino. Depois veio o Márcio Pochmann, e ele tem liberdade para fazer



o que ele entender que deva ser feito para fazer o Ipea funcionar.

**Jornalista:** O Pochmann comunicou ao senhor, vocês trocaram idéia sobre essas trocas?

**Presidente:** Não, não. Ele não precisa me comunicar. Pelo amor de Deus.

**Jornalista:** O senhor acha que o Ipea, então, não fazia esse papel de produzir pesquisas...

**Presidente:** Produz pesquisas, mas acho que tem que produzir mais.

**Jornalista:** Mas o senhor acha um exagero, descarta completamente essa coisa de patrulhamento, de que “não, agora com um novo pensamento único”...

**Presidente:** É só ver o resultado...

**Jornalista:** Não, porque o outro [pensamento único] era chamado de neoliberal...

**Presidente:** Deixa eu contar uma coisa para vocês: há uma coisa que faz a minha cabeça desde o tempo em que eu era dirigente sindical. Eu trabalho com o conceito de que a máquina pública é máquina pública e ninguém pergunta para o cidadão concursado se ele é religioso, se ele gosta de futebol ou se ele pertence a partido político. Ele faz o concurso, passa, ele vai trabalhar. É assim que funciona a máquina pública. E quanto mais profissional ela for, mais chance nós temos de fazer com que ela funcione bem.

**Jornalista:** O senhor falou de imposto sindical. Aí surge inevitavelmente na





cabeça toda essa polêmica, a discussão do imposto sindical. Como é que o senhor está vendo isso? O senhor, com o perdão da palavra, é um pouco produto, bastante produto da luta contra o imposto sindical. A CUT, que se formou e sempre foi contra o imposto sindical. Como é que o senhor se vê, diante da história, depois que sair do governo como aquele que teve a oportunidade de fazer uma mudança, sempre pediu e, no entanto, no momento em que a discussão surgiu viu, pelo menos o seu partido, sua base no Congresso, agir por outro lado.

**Presidente:** Primeiro, porque aquela proposta que foi aprovada é uma proposta um pouco complicada, porque ela tira o imposto sindical dos trabalhadores e não tira dos empresários.

**Jornalista:** Mas isso está em discussão.

**Presidente:** Está em discussão. Já foi aprovado na Câmara, sim.

**Jornalista:** A Câmara aprovou a dos trabalhadores e agora está incluindo...

**Presidente:** E foi para o Senado. Agora tem que voltar para a Câmara. Eu acho que você tem alguns sindicatos no Brasil que já devolvem o imposto sindical. O sindicato de São Bernardo é um, o sindicato dos bancários é outro que devolve imposto sindical. Agora, é importante saber que os milhares de sindicatos que existem no País não têm condições de sobreviver sem o imposto sindical.

Então, o que você tem que fazer? Se você quer fazer a mudança, você tem que dar um tempo de transição para que o movimento sindical possa criar novos instrumentos de arrecadação.



**Jornalista:** O senhor acha que ele deveria continuar obrigatório?

**Presidente:** Porque o sindicato pode convocar assembléia e aprovar coisas, eu diria, até maiores do que significa o imposto sindical. De qualquer forma, a minha filosofia sindical é que quem deve determinar a forma de arrecadação e a quantidade de contribuição são os trabalhadores, em assembléia. Por isso, historicamente, fui contra o imposto sindical. Eu só acho que se os companheiros querem acabar com o imposto sindical, é preciso dar um tempo de transição para que as pessoas se adequem à nova realidade, porque senão você vai matar quase todos os sindicatos pequenos do Brasil.

**Jornalista:** Até pelo raciocínio que o senhor fez, é o seguinte: se tem sindicatos que devolve isso, às vezes numa decisão que eles tomam em uma assembléia... Isso aí traz muito mais benefício para os trabalhadores do que aquela contribuição exata. O trabalhador que é inteligente vai contribuir espontaneamente para aquele sindicato, e não compulsoriamente.

**Presidente:** É que o sindicato, quando defende o trabalhador, não defende apenas o trabalhador que é sócio. Essa briga é histórica, minha, de quando dirigia sindicato. Por exemplo, quando nós aprovávamos aquela contribuição assistencial, que agora virou contribuição confederativa, o que as empresas queriam: só o sócio paga, o não-sócio não paga. Eu dizia: está bem. Então, o aumento é só para o sócio, não é para o não-sócio. O sindicato conquistou um aumento, fez uma greve, vocês estendem para todo mundo e, na hora de pagar, vocês só querem pagar dos sócios? Nunca aceitaram essa discussão.

Obviamente, se não houver um avanço cultural no País, você vai ter empresários que se o sindicato tomar a decisão de que o trabalhador vai pagar uma certa quantia, o empresário pode fazer um abaixo-assinado dentro da empresa para o trabalhador não pagar, pode fazer uma série de coisas. Então,



isso, na minha opinião, não é apenas uma questão de lei, é uma questão cultural neste País.

**Jornalista:** Mas qual transição?

**Presidente:** É dar um prazo para as pessoas...

**Jornalista:** O que o senhor chama de prazo? Porque a discussão já está antiga, não é, Presidente?

**Presidente:** Não, não. Veja...

**Jornalista:** O Congresso está falando agora em três anos.

**Presidente:** Quando eu era dirigente sindical, eu não dei prazo, nós fizemos. Então, o que eu acho? Eu acho que tem que ter um prazo, pode ser de três anos, pode ser de quatro anos. Sentem com os dirigentes sindicais e com os empresários e estabeleçam regras.

**Jornalista:** O senhor acha que não pode acabar, de uma hora para outra, só com o imposto sindical dos trabalhadores?

**Presidente:** Eu acho que matará muitos sindicatos pequenos.

**Jornalista:** Se for para acabar teria que acabar com o do empresário?

**Presidente:** É lógico. Por que a Fiesp pode receber imposto sindical e os trabalhadores, não?



**Jornalista:** Mas, Presidente, antigamente um sindicato pequeno tinha dificuldade de se instalar porque não recebia imposto sindical e porque existia uma ditadura, existia todo um movimento que era contra...

**Presidente:** Mas sempre receberam.

**Jornalista:** ...que era contra. Hoje a gente vive um regime muito mais aberto, a gente vive num governo muito mais sensível, que os sindicatos pedem. Qual é a dificuldade grande que existiria para um sindicato pequeno viver hoje sem o imposto sindical?

**Presidente:** Dificuldade de receita.

**Jornalista:** E por outro lado, a existência do imposto sindical não continua gerando mais pelegos do que entidades autênticas?

**Presidente:** Eu não estou discutindo a filosofia do que vai ser o dirigente sindical. Eu tenho uma briga histórica contra o movimento sindical, isso faz parte da minha matriz como sindicalista. Só que eu acho que na medida em que você faz uma lei e tenta mudar, em vez de mudar abruptamente, você estabelece uma transição. Você acha que nós poderemos fazer a reforma tributária e ela entrar em vigor no dia seguinte? Não. Você tem que ter um tempo de transição, fazer inclusive reparação para os estados que vão perder alguma coisa, para que você possa fazer justiça social. Se você quer mudar a questão sindical, ótimo, mude. Agora, dê um tempo para os dirigentes sindicais se prepararem e para os empresários se prepararem. O projeto está lá, vamos ver o que vai acontecer no Senado, e os dirigentes sindicais se manifestem. Agora é o momento dele construir. Eu criei uma comissão que discutiu uma nova estrutura sindical, apresentaram um projeto na Câmara para votar. Agora



criei uma outra comissão para discutir a questão da Previdência Social, eles estão trabalhando, e eu acho que tudo será melhor se eles se sentarem em torno de uma mesa e acertarem.

**Jornalista:** Presidente, mudando um pouquinho de assunto, porque daqui a pouco a gente começa a ficar aflito porque o senhor vai querer terminar.

**Presidente:** Daqui a pouco eu tenho o Conselho Político, é isso mesmo.

**Jornalista:** O senhor falou há pouco sobre investimentos e negócios com a Venezuela, estamos negociando o gasoduto com a Venezuela. O Brasil precisa, a Venezuela precisa de relações comerciais, relações empresariais, sempre. A relação política do Brasil com a Venezuela, neste momento tem algum problema, diante de críticas que o presidente Hugo Chávez faz ao Brasil, ao Congresso brasileiro? Também sobre a questão da democracia, que se discute muito na Venezuela. O senhor até entrou numa polêmica, outro dia, sobre a democracia na Venezuela.

**Presidente:** Eu não entrei numa polêmica.

**Jornalista:** Criou, vamos dizer assim, “entraram” o senhor numa polêmica.

**Presidente:** Primeiro porque eu sou defensor da autodeterminação dos povos. Cada país determina o regime político que quer. A Suécia determina o seu, os Estados Unidos determinam o seu, o Brasil determina o seu, a Venezuela determina o seu. Por que eu vou ficar criticando ou aplaudindo uma decisão da maioria do povo de um país? É um problema da Venezuela. O regime político da Venezuela, o mandato do presidente é um problema do povo venezuelano. O que interessa ao Brasil é ter uma relação do Estado brasileiro com o Estado



venezuelano, e isso tem que ser construído de forma definitiva.

Agora, a minha relação pessoal com o Chávez é outra coisa. A minha relação com o Kirchner é outra coisa. O Kirchner resolveu não se candidatar à reeleição, ele poderia, mas não quis. Ora, é uma cultura da Argentina, ele não quis. Então, eu acho que nós, aqui no Brasil, precisamos parar com a mania de dar palpite na vida dos outros. Eu digo isso porque no regime parlamentarista tem primeiro-ministro que fica 18 anos, 16 anos, e todo mundo sabe que em alguns países o primeiro-ministro manda de verdade e o presidente é apenas o chefe de Estado.

**Jornalista:** Mas é outro regime, completamente diferente.

**Jornalista2:** Mas pode ficar um mês, também.

**Presidente:** Mas o regime, cada país trata. No regime presidencialista, quando o povo quer, também, o presidente sai antes do fim do mandato.

**Jornalista:** É mais difícil.

**Presidente:** Não, não é mais difícil. Nós já vimos nos Estados Unidos, já vimos no Brasil. O que eu acho é que nós temos que cuidar do nosso quintal, que é grande. São 180, quase 190 milhões de habitantes, 8,5 milhões de km<sup>2</sup> e problemas muito grandes. Então, o que eu quero saber é o seguinte: o Brasil tem que ter uma boa relação com a Venezuela, independentemente de quem seja o presidente, porque não cabe ao Brasil escolher o presidente de um país, são eles que escolhem.

O Brasil tem que ter investimento na Venezuela, tem que fazer parceria com a Venezuela. Por quê? Porque interessa ao Brasil, como o país mais rico da América Latina, como a maior economia da América Latina, da América do



Sul, que a gente tenha tranquilidade no continente. Aliás, esse foi o resultado da minha conversa com o presidente Bush, em Camp David. Eu disse ao presidente Bush que estava na hora de os Estados Unidos olharem para a América Latina com outro olhar, com olhar de investimento, com olhar de ajudar aqueles países da América Central a crescerem economicamente, que é a única possibilidade de ter paz.

Eu até contei ao presidente Bush, quando nós montamos o Fórum de São Paulo. Eu tinha perdido as eleições para o Collor, tínhamos tido uma votação, acho que a maior que um operário já tinha tido na história da humanidade, e eu resolvi que era importante juntar a esquerda da América Latina, para conversar. E fizemos, na época da Copa do Mundo, uma reunião com toda a esquerda da América Latina. Eu me lembro que da Argentina vieram vários grupos e eles não conversavam entre si. A única coisa que os unificava era o Maradona. Nós começamos a fazer reunião e eram sempre reuniões tensas.

O que aconteceu de 1990 para cá? Não tem, com exceção das Farc, que existem há 40 anos, não tem hoje nenhum país da América Latina ou da América Central falando em luta armada. Esses países entraram no jogo democrático. Eu dizia ao Bush: é preciso valorizar isso.

**Jornalista:** Então o senhor acha que não há risco?

**Presidente:** Não há risco.

**Jornalista:** Risco nenhum?

**Presidente:** Não há risco nenhum com o Chávez, não há risco nenhum com a Bolívia.



**Jornalista:** Tem uma próxima consulta popular, agora, na Venezuela sobre as mudanças na Constituição. Algumas pesquisas indicaram que o Chávez pode não ganhar desta vez. O senhor acha que há algum risco de ruptura, neste caso?

**Presidente:** Quem se submete a uma eleição, tem que se submeter ao resultado dela. Ora, se o Chávez está convocando um plebiscito, se ele ganhar, ótimo; se ele perder, ótimo. Ele vai acatar o resultado. Vocês se esquecem de que aqui no Brasil nós fizemos um plebiscito para saber se o povo queria a monarquia ou queria parlamentarismo.

**Jornalista:** Algumas pessoas dizem que o senhor tem essa relação de carinho, de não bater, de não confrontar com o Chávez porque realmente acredita nas políticas do Chávez ou concorda, de alguma forma, ou porque não quer mesmo partir para o confronto com a Venezuela porque não interessa. Interessa mais manter o Brasil... As duas versões seriam verdadeiras, onde está a verdade, nisso aí?

**Presidente:** Sabe por quê? É porque eu compreendo bem as razões dos conflitos que aconteceram no século XIX e eu acho que a gente não pode, no século XXI, repetir os mesmos erros. Às vezes, as guerras se dão por palavras e eu acho que não é possível que nós... Eu, por exemplo, fui à Guiné Bissau. Em Guiné Bissau tinha tido uma tentativa de guerra civil e era um dos países mais pobres do mundo. E eu dizia, tanto para o primeiro-ministro, quanto para os deputados: guerra para quê? Primeiro, vocês têm que construir esse país. Na América Latina, os países precisam ser construídos.

A Venezuela é um país rico, com potencial extraordinário, e eu tenho dito para o presidente Chávez: Chávez, é preciso cuidar urgentemente de industrializar a Venezuela. Tem muitos empresários brasileiros trabalhando na





Venezuela, fazendo investimento, fazendo parcerias. Eu vou lá no dia 13 de dezembro, e vai uma série de empresários. A Venezuela tem um potencial grande, a Colômbia tem um potencial grande. Para nós, se todos os países da América do Sul, sobretudo os que fazem fronteira com o Brasil, estiverem bem, o Brasil está bem. Então, como maior economia, nós temos que ter responsabilidade de fazer com que as coisas vão bem. Eu dizia que o irmão mais velho, o irmão maior, sempre tem que ter generosidade com os outros irmãos, sempre, porque se não for assim, você vive em conflito permanente.

**Jornalista:** Presidente, quando a gente começou, o senhor falou bastante do crescimento, e uma coisa que o senhor tornou a falar agora foi da importância dos parceiros locais. Presidente, se a economia chegar a crescer 5%, oxalá cresça mais do que 5%, 6%, 7%, 8%, mesmo assim parece, a gente tem a sensação, de que está a um passo atrás de outras economias, inclusive economias próximas a nós. A Argentina está crescendo a dois dígitos, a Venezuela cresce a quase dois dígitos. Recentemente, a gente fez uma matéria sobre Cuba e Cuba está crescendo, também, na casa de dois dígitos. Tem um descompasso entre o ritmo do Brasil... A torcida é para que a gente chegue a esses níveis, Presidente.

**Presidente:** Primeiro, essa comparação é muito difícil, comparar o que os outros crescem com o Brasil. Você tem que saber do patamar que as pessoas partem. Se eu parto de menos zero é uma coisa, mas se eu parto de um, tem uma diferença. A Alemanha, dificilmente você vê a Alemanha crescer 5%. Ela vai crescer 3%, ela vai crescer 2%. Por quê? Porque é uma economia já estável.

O Brasil tem uma dimensão econômica maior, nós poderemos crescer 6%, poderemos crescer 7%, Deus queira que um dia o Brasil volte a crescer a 10%. Mas o que é importante é que tenha uma combinação perfeita entre o



crescimento econômico do país e o crescimento das camadas mais pobres da população, porque isso é que dá sustentabilidade ao crescimento. Na hora em que faltar consumidores, a economia deixa de crescer. Então, eu posso dizer para vocês uma coisa, eu falo isso com muito orgulho porque acho que todo mundo colaborou: o Brasil vive o seu melhor momento de estabilidade econômica, de credibilidade internacional e de possibilidades futuras. Vive o seu melhor momento histórico. Deus queira que continue assim e Deus queira que venha outro governo e melhore mais, e que depois venha outro e melhore mais, para que o Brasil recupere o tempo perdido, porque foram quase 26 anos de estagnação. Eu só peço a Deus que isso aconteça.

**Jornalista:** Mudando um pouquinho a pauta. Quando o senhor falou que na oposição fazia bravatas, eu confesso que levei um susto, eu achei que não era exatamente isso que o senhor estava querendo dizer. Depois eu vi que era e que é um raciocínio que não é só do senhor, é do governo. Respeito, mas continuo achando muito estranho esse argumento, a tal ponto que eu pergunto para o senhor o seguinte: quando o senhor voltar para a oposição – porque isso, no nosso regime democrático, um dia vai acontecer. Para a oposição, eu digo, não fora do governo, o senhor pode até estar fora do governo e concordando com ele – mas quando o senhor voltar para a oposição e fizer uma crítica violenta, uma crítica veemente, como fazia antes, o que vai acontecer, Presidente? A imprensa vai dizer que o senhor está fazendo bravata de novo? E a imprensa vai estar errada?

**Presidente:** Veja, é preciso saber quando a oposição faz oposição em torno de propostas concretas, e é preciso saber quando as pessoas fazem bravatas. São duas coisas distintas. Não misture oposição com bravata. Bravata é quando o cara propõe coisas ou ameaça coisas que ele sabe que não pode fazer. Agora, o cidadão fazer oposição e ser contra um projeto do governo, isso



é legítimo e, da minha parte, não tem nenhuma restrição. Agora, quando o cidadão propõe uma coisa que ele sabe que é inviável, e nem ele mesmo acredita, é isso que eu considero bravata. Agora, que a oposição, seja ela de esquerda ou de direita, tem o direito de questionar as políticas do governo, de fazer discurso... tanto que eu não espero que a oposição faça discurso elogiando o governo. Não espero, não faz parte da cultura política brasileira.

Agora, muitas vezes – eu vou dizer uma coisa que vocês não precisam publicar, eu vou dizer uma coisa que o João Roberto Marinho me falou. O João Roberto Marinho tinha vindo do México e tinha tido eleições no México, aquela balbúrdia toda, aquela confusão toda, gente na rua. O João Roberto Marinho falou: “Olha, Presidente, eu precisei ir para o México para saber como é boa a democracia brasileira. Aqui as pessoas perdem por um ou perdem por dois, está acatado o resultado”. Nós estamos num patamar de civilização extraordinário no País. Nas eleições no estado do Paraná, o Requião ganhou por 0,1% dos votos. Vocês estão lembrados que há pouco tempo o voto eletrônico era questionado no Brasil. Hoje, o voto eletrônico é consagrado no Brasil...

**Jornalista:** E no mundo.

**Presidente:** ...e o mundo inteiro quer. Imagine uma potência, como os Estados Unidos, as eleições se decidem na Suprema Corte. Aqui no Brasil, quando as pessoas têm dúvidas sobre o voto eletrônico, eu falo: o voto eletrônico é tão importante que eu sou presidente duas vezes. Tem prefeito do interior que ganha por 0,01% e está resolvido o problema.

Então, essa visão que o João Roberto Marinho me deu é muito importante porque, muitas vezes, nós somos muito exigentes conosco mesmos e com o Brasil.



**Jornalista:** É bom, isso?

**Presidente:** Eu acho bom. Nós somos muito exigentes. Este País está consolidando. Nós passamos momentos difíceis na história democrática do Brasil. Nós estamos consolidando e, certamente, a juventude que vier depois de nós será muito mais preparada do que nós, será muito mais democrática do que nós. É isso que é importante. Quando eu falo da economia, falo porque eu vivi 30 anos do outro lado e todos os anos a gente era pego de surpresa com um pacote, todos os anos alguém anunciava um milagre e as pessoas acreditavam. E, no dia seguinte, o milagre desaparecia. Agora, não. O Palocci foi meu ministro, o Guido Mantega é o ministro agora, eu falo para eles: olha, gente, não tem mágica, não inventem.

**Jornalista:** Não atrapalhem.

**Presidente:** Não inventem porque em política econômica a gente não inventa. Eu, por exemplo, tenho discutido... vocês não imaginam como eu tenho discutido política cambial. A cada tempo estou fazendo reunião com as pessoas mais importantes deste País para discutir política cambial. A verdade nua e crua é que nós escolhemos a forma correta, o câmbio flutuante. Ele flutua e ele vai parar de flutuar para cima ou para baixo na hora em que tiver encontrado o ponto de desembarque.

**Jornalista:** Então essa discussão que o senhor falou que tem é para tentar uma mudança na política cambial?

**Presidente:** Nós, agora, vivemos um problema no câmbio, eu tenho dito para o pessoal que é um problema muito mais americano do que nosso. Por quê? Porque os americanos resolveram, por conta da sua política interna, reduzir



juros para que eles possam conter a sua balança comercial, que é muito deficitária para os Estados Unidos. Eles querem fazer um ajuste no seu problema interno. O Brasil virou um país... se vocês lerem a imprensa internacional, vocês vão perceber que o Brasil virou uma espécie de país que muita gente vê o País com os olhos bem abertos. Antigamente, a gente corria atrás de um miserável de um dólar. Hoje nós estamos reclamando porque está entrando muito dólar.

**Jornalista:** E está entrando barato.

**Presidente:** Está entrando muito dólar. Antigamente a gente falava “o Banco Central”... o Banco Central era obrigado a vender dólar. Hoje nós somos obrigados a comprar para ver se tiramos o dólar do mercado. Então, essas coisas, nós só temos que ter cuidado, porque se alguém imaginar que tem uma mágica e anunciar, essa mágica pode não ser verdadeira daqui a três ou quatro meses. Então, vamos deixar, que as coisas vão se ajustando. Se tem algum setor que está sendo penalizado, vamos cuidar daquele setor para que a gente...

**Jornalista:** Mas sem mexer na política...

**Presidente:** Para que a gente não mexa na macroeconomia. Afinal de contas, nós aprendemos com o futebol: em time que está ganhando a gente não mexe.

**Jornalista:** Presidente, o senhor tem desautorizado que falem em terceiro mandato. Agora, diante de um cenário em que a oposição continue dividida do jeito que está, o PT sem um candidato natural, e o senhor com a popularidade inata, o senhor resiste a um terceiro mandato?



**Presidente:** Resisto. Eu até tinha feito uma promessa para mim de não discutir esse assunto. Eu até fiz uma profissão de fé de dizer: eu não toco mais nesse assunto. Primeiro porque ninguém nunca me ouviu falar em terceiro mandato. Todo mundo sabe que eu era contra a reeleição. Eu só não mando um projeto acabando com a reeleição porque eu fui reeleito. Mas todo mundo sabe que eu era contra a reeleição, todo mundo sabe que eu prefiro um mandato de cinco anos sem reeleição. Por quê? Porque eu acredito na alternância de poder. Eu não sei de onde surgiu essa história. É importante lembrar que a história do plebiscito não aconteceu no meu governo não, aconteceu em 2001. É só vocês irem ao Congresso e vocês vão perceber que a história do plebiscito não é minha. Não quero que vocês publiquem isso não, é apenas uma informação. Quem defendeu o terceiro mandato... o Fernando Henrique Cardoso defendeu o terceiro mandato do Fujimori. Ou vocês esquecem que publicaram isso? Então, eu sou contra, como filosofia. Por quê?

**Jornalista:** São alguns amigos seus que estão fazendo isso.

**Presidente:** Não são a favor do terceiro mandato, não. O que o Devanir propôs era o direito de o presidente da República ter o direito de convocar plebiscito. Era isso, não falou em terceiro mandato.

**Jornalista:** É que por trás disso o que se diz é que tem a idéia de convocar um plebiscito para um terceiro mandato.

**Presidente:** Alguns membros da oposição, que me conhecem, sabem perfeitamente bem que eu não exercito brincadeira com democracia. Eu acho que a democracia precisa se transformar em um valor para a sociedade brasileira, um valor. Nós ainda somos um País em formação. Então, a alternância de poder é muito boa porque o povo tem, a cada eleição, a chance



de escolher o melhor. Pode dar certo, pode não dar, mas ele tem a chance. Quer coisa mais extraordinária do que esse exercício da democracia? Eu estou falando isso porque eu não vou tocar mais nesse assunto.

**Jornalista:** Então, vamos passar para 2010. Como disse a Luísa, o PT não tem um candidato natural, tem alguns candidatos que estão na base. O senhor teria alguma dificuldade, o senhor enfrentaria o PT, se for o caso, para apoiar uma outra candidatura que não fosse do partido, como Ciro Gomes? Além de Dilma, Patrus Ananias, que outros nomes o senhor teria na equipe, em condições de serem presidenciáveis?

**Presidente:** A sorte de eu ter participado de muita eleição é que essa pergunta já me foi feita muitas vezes. Mas deixa eu te dizer uma coisa, o que o Presidente da República pensa. Primeiro, eu só irei pensar na minha sucessão a partir de 2009. Quero cuidar de ver este País fazer as eleições municipais com a maior tranquilidade. Não participarei das eleições municipais, é importante ter claro. O presidente da República não participará das eleições municipais.

**Jornalista:** O senhor não vai subir em palanque?

**Presidente:** Não vou subir em palanque. Segunda coisa: a partir das eleições municipais, quando entrar 2009, eu começarei a me preocupar com a sucessão e, certamente, a oposição também.

**Jornalista:** Eu acho que todos já estão pensando desde hoje.

**Presidente:** O nome, por enquanto só quem tem nome é o PSDB.



**Jornalista:** “Nomes” até, não é, Presidente?

**Presidente:** Nomes.

**Jornalista:** O PT não tem nome?

**Presidente:** Pois bem, o que eu posso dizer é que a base aliada, essa é a minha convicção, terá que ter uma candidatura única.

**Jornalista:** O senhor acha isso possível em um primeiro turno?

**Presidente:** Eu acho possível construir isso no primeiro turno. Eu acho possível que cada partido político queira ter candidato. Se cada um quiser ter candidato, eu acho legítimo. Não é o que eu gostaria que acontecesse. Eu não estou discutindo candidatura e muito menos nomes, porque cada nome que eu citar já vai ficar cravado que eu estou pensando naquele nome.

**Jornalista:** Mas o senhor não está pensando em partido, quando o senhor fala em base.

**Presidente:** Não estou pensando em partido, é a base aliada.

**Jornalista:** Pode ser do PSB, pode ser do PMDB?

**Presidente:** Pode ser de outro partido político. Necessariamente não tem que ser do PT. Agora, o PT pode querer ter um candidato, que é um direito legítimo. O PC do B pode querer, o PMDB pode querer ter candidato. O PMDB tem vários ministros, tem vários senadores, o PMDB tem a maioria dos governos dos estados, tem um estado importante como o Rio de Janeiro, então pode





querer. Se quiser, eu acho legítimo. Da minha parte, não terá briga. Agora, o que eu vou fazer é tentar convencer a base aliada de que o prudente é que a gente tenha uma candidatura única. Agora, isso eu também só vou discutir para a frente.

**Jornalista:** A ministra Dilma Rousseff é apontada hoje como a presidenciável do momento, digamos assim. O que o senhor acha disso?

**Presidente:** Eu nunca a apontei.

**Jornalista:** Não, é apontada por aliados, por petistas.

**Presidente:** Nunca nem perguntei se ela quer.

**Jornalista:** O que o senhor acha disso, eu pergunto.

**Presidente:** Como eu sou favorável à liberdade de expressão, cada um fala o que quer e responde pelo que falar. Eu estou convencido, posso dizer para vocês, que eu não tenho nomes, nem interno e nem externo.

**Jornalista:** Será que a gente pode fazer um “bate-bola” rapidinho, Presidente?

**Presidente:** Não, gente. Eu tenho um compromisso agora.

**Jornalista:** Só sobre uma questão mais...

**Jornalista2:** Seriam umas coisas mais amenas, sobre a rotina de Presidente.

**Jornalista:** A rotina aqui no Palácio.



**Jornalista2:** De trabalho, mesmo.

**Jornalista:** Presidente, então, vamos lá, coisa rápida. Quem entra por ali... Não, primeiro vou fazer uma pergunta que foi feita ao Suplicy no Senado, de brincadeira, e eu brincaria com o senhor. O senhor sabe o nome dos 37 ministros do seu governo?

**Presidente:** Eu sei até o dos que já foram ministros.

**Jornalista:** Qual desses 37 ministros entram sem bater na porta?

**Presidente:** Ninguém entra sem bater na porta.

**Jornalista:** Ninguém?

**Presidente:** Ninguém entra sem bater na porta.

**Jornalista:** Já teve algum ministro que entrou sem...

**Presidente:** Não.

**Jornalista:** Meteu a mão na maçaneta e entrou?

**Presidente:** Não.

**Jornalista:** Na rotina do Palácio do Planalto, o senhor, a gente vê, a Luiza e o Chico, que ficam aqui o dia inteiro, entram às 9 da manhã e saem às 10 da noite... Nessa rotina, nesse período, o senhor tem espaço para conversas



amenas, brincadeiras?

**Presidente:** Não tenho. Esse é um problema de agenda que eu tenho que resolver. Porque eu já estou velhinho, estou com 62 anos de idade...

**Jornalista:** Mais uma coisa: onde que o senhor encontra tanta energia para trabalhar, em torno das 9 da manhã, às vezes, até 10 da noite, sem parar?

**Presidente:** Motivação. Como eu disse no começo, eu sou um cara que... Eu estou feliz com as coisas que estão acontecendo no Brasil, e triste pelas que não estão acontecendo, mas quero fazer acontecer.

Aqui tem uns ministros que têm mais acesso a mim. Quais são os ministros que têm mais acesso? São os da Casa. Ou seja, primeiro, fora os da Casa, o Ministro da Fazenda, com quem eu despacho toda semana, às vezes até mais de uma vez por semana, para saber como é que está, o que que está acontecendo, porque tal setor não está indo bem, porque que tal setor está indo bem. O Paulo Bernardo, para discutir o Orçamento, porque o Orçamento não está sendo executado... Segundo, a ministra Dilma Rousseff, por quê?

**Jornalista:** É, está aqui do lado...

**Presidente:** Não é só porque ela está aqui do lado, é que ela é a minha sombra na administração. Ou seja, ela é coordenadora do PAC, então tem que prestar contas todo dia. O Dulci, porque o Dulci cuida de política social. O Itamaraty, porque eu ando demais. Então, veja, tem outros que tenho rotina de uma reunião por mês.

**Jornalista:** Agora, quem mais traz notícias boas e quem traz notícias ruins?



**Presidente:** Não, deixa eu falar uma coisa triste. Essa é uma coisa que... Eu acho que eu, se pudesse escolher, ficaria um dia aqui, neste gabinete e sete dias viajando pelo Brasil.

**Jornalista:** É mesmo? Ainda assim? Porque o senhor disse...

**Presidente:** Sabe por quê? Porque ninguém traz notícia boa aqui, neste gabinete. Quando a notícia é boa, eles festejam sem precisar eu saber. Quando a notícia é ruim, vem para cá. Quando as coisas não estão acontecendo.

**Jornalista:** O chefe é para resolver problema, não é, Presidente?

**Presidente:** Então eu falo sempre o seguinte: quando acontece uma coisa boa “Ah, nós fomos ao restaurante, nós fomos à casa não sei de quem”. Agora, quando é coisa ruim é aqui neste gabinete, sobretudo quando precisam de mais dinheiro para o Orçamento.

**Jornalista:** Aí é que é a choradeira.

**Presidente:** Aí é...

**Jornalista:** Só mais uma coisa...

**Presidente:** ...eu, quando vejo... E todo mundo quer mais, as pessoas não se conformam com o que têm e querem, e querem. Mas eu penso que pela apresentação dos programas do PAC, tenho elogiado os ministros, porque houve uma evolução extraordinária. A gente sente, a olhos vistos, que houve uma... como é que fala? Tomaram conta da situação.



**Jornalista:** Por favor, a gente queria perguntar uma coisa, o seguinte, rapidinho...

**Jornalista2:** Eu tenho uma última pergunta.

**Jornalista:** É essa de “bate-pronto”.

**Jornalista2:** Essa de “bate-pronto”, é só o seguinte: o senhor até comentou isso recentemente. Está virando até um bordão, nos programas humorísticos, até em propaganda de televisão: “Nunca antes na história deste País...”. O que o senhor acha disso?

**Jornalista:** No rádio, Presidente, a gente vindo para cá, no rádio, está tendo uma feira de móveis aqui em Brasília...

**Jornalista2:** O que o senhor acha disso: uma expressão que o senhor usa...

**Presidente:** Veja, você sabe o que eu acho importante? Eu acho importante é que não é mais o governo que fala, são as pessoas que falam agora. Vocês viram o lançamento do Programa de Ciência e Tecnologia, em que uma pessoa falou: “É a primeira vez que a gente tem um programa de Estado para ciência e tecnologia”.

Então, é a primeira vez que se trata os catadores de papel com respeito. É a primeira vez que se trata os quilombolas com respeito. Quer saber de uma coisa? É a primeira vez que essas pessoas entraram aqui no Palácio.

**Jornalista:** Eu sei. Mas o senhor se incomoda com isso, de virar um bordão?



**Presidente:** Então, nós temos... Veja que engraçado, nós, agora, estamos querendo aumentar de 12 para 18 alunos por professor nas universidades. Por quê? Porque isso permite a gente colocar um milhão de jovens a mais na universidade.

**Jornalista:** Federais?

**Presidente:** Federais. E, aí, você tem gente, que diz que é de esquerda, contra.

**Jornalista:** Mas, Presidente, como assim? Uma turma de universidade são 12 alunos para um professor?

**Presidente:** A média de alunos é 12 alunos por professor. A média na França é 18. Então, nós estamos querendo colocar uma média de 18. Com isso, já está sendo aprovado, na Universidade Federal do Rio de Janeiro, um conselho foi se reunir para decidir e decidiram. Mas, perguntem para o reitor: ocuparam o gabinete dele, em nome de um discurso de esquerda.

Então, outro dia eu fui inaugurar a Universidade de Sorocaba e tinha lá uma manifestação contra, porque não tinha...

**Jornalista:** Contra a universidade que o senhor estava inaugurando?

**Presidente:** É, porque nós alugamos um prédio para começar a funcionar, no ano passado, enquanto a gente constrói um novo. E um grupo foi de São Carlos para lá, contra, porque não queria... Foram de São Carlos para Sorocaba para ser contra porque não tinha refeitório.

**Jornalista:** Como o senhor disse: sempre querem mais, não é?



**Presidente:** Como eu vim do movimento social, e vi todos esses dramas, tenho compreensão do problema. Só posso dizer para vocês: o momento é importante para o Brasil, não o percamos.

**Jornalista:** Ele queria fazer uma última de “bate-pronto”.

**Jornalista2:** Eu queria saber: o senhor, no discurso de vitória, disse que não poderia errar, jamais poderia errar, porque era diferente de outros presidentes, que se errasse... Tudo bem, errar, eu sei que não posso errar. A pergunta era: qual o seu maior erro? Claro que não vai comprometer mas, enfim, o senhor cometeu algum grande erro, até hoje, no governo?

**Presidente:** Eu acho que devo ter cometido erro, eu devo ter cometido acertos. Eu acho que nós temos muito mais acertos do que erros.

**Jornalista:** Mas o senhor não se lembra do grande erro, daquela coisa que morde até hoje: que eu não podia ter feito, não podia ter aceitado. Algo assim?

**Presidente:** Não. Até porque eu vou fazer o meu julgamento quando terminar 2010. Eu vou fazer, ou seja, vou fazer reflexão sobre o que aconteceu no Brasil.

**Jornalista:** Deixamos de falar sobre privatização, heim, Presidente?

**Jornalista2:** O senhor vai participar do processo de eleições do PT, Presidente?

**Presidente:** Eu vou votar.



**Jornalista:** Está tão bom [o relacionamento com o governador do Rio de Janeiro, Sérgio Cabral] que estão dizendo que ele pode ser uma opção sua para 2010, olha só!

**Presidente:** Por enquanto... Ele pode ser uma opção, primeiro, do PMDB.

**Jornalista:** Mas isso quer dizer que o Rio, então...

**Presidente:** Aliás, eu estou indo para o Rio dia 30 agora.

**Jornalista:** Trinta? Semana que vem.

**Jornalista2:** Não é nesta sexta?

**Jornalista:** É, falaram que o senhor tinha uma agenda na sexta-feira agora, alguma coisa de Petrobras.

**Presidente:** Não, no dia 30.

**Jornalista:** Presidente, o senhor já fez uma comparação, o senhor mesmo, das cores do cabelo em 2003 e em 2005?

**Presidente:** Está envelhecido.

**Jornalista:** Envelheceu, não, embranqueceu. Embranquecer não quer dizer envelhecer.

**Jornalista2:** É experiência, Presidente.





**Jornalista:** E a vida em Brasília, sem os filhos e netos, é muito ruim?

**Presidente:** Eu lhe confesso que não tenho vida.

**Jornalista:** Não tem nada. Mas...

**Jornalista2:** Mas o grande problema não é bem exatamente ter, não é?

**Presidente:** Eu não tenho solidão para tomar decisão. Mas, veja, eu levanto às 6 horas da manhã todo dia.

**Jornalista:** Caminha?

**Presidente:** Faço uma hora de ginástica todo dia, faço musculação. E, depois, chego aqui, todo dia, às 9 horas e aí não tenho hora para sair, tem dia que é 10, 9, 11, 11h30, e chego em casa...

**Jornalista:** Dona Marisa reclama.

**Presidente:** A Dona Marisa, como todas as mulheres, diz que eu tinha que cuidar da minha agenda. E eu não vou à casa de ninguém no sábado e domingo porque em Brasília as pessoas, às vezes, tem muita futrica e eu prefiro não... Eu nunca fui a um aniversário, nunca fui a um casamento, eu nunca fui a um jantar.

**Jornalista:** O senhor preferia morar no Rio?

**Presidente:** De vez em quando eu convoco... Obviamente que o Rio de



Janeiro é sempre o Rio de Janeiro. De vez em quando, convido algum companheiro para ir em casa conversar um pouco comigo, no jantar. Mas eu prefiro ser assim.

**Jornalista:** Presidente, o senhor, na campanha, falava que o segundo mandato seria mais fácil, até porque o senhor já tinha aprendido muito, já tinha conhecido como é que é o funcionamento do poder, os caminhos, não é? O segundo mandato está sendo mais fácil, por conta disso?

**Presidente:** Deixa eu te contar uma coisa: o medo que eu tinha do segundo mandato era da mesmice. Eu lembro que até no enterro do Otávio Frias, o Fernando Henrique Cardoso falou para mim: “Você vai ver depois do segundo ano, quando os ministros já estiverem pensando nas suas candidaturas”.

Graças a Deus, sabe o que aconteceu? Eu, todo dia – e esse é um desafio para mim – tenho que me motivar para fazer o segundo mandato ser melhor do que o primeiro. Todo dia. É uma profissão de fé que eu fiz. Ou seja, não permitir nunca que essa história de que as mesmas pessoas, a mesma conversa, me baixe... Então, todo dia eu me motivo. E graças a Deus, essa quantidade de programa que nós lançamos agora é um oxigênio extraordinário para o Presidente fazer um segundo mandato melhor que o primeiro.

**Jornalista:** Então tá, Presidente. MUITÍSSIMO obrigada.

**Jornalista2:** Presidente, mais uma vez muito obrigado.

**Jornalista:** Um bom dia de trabalho.

**Jornalista2:** O senhor voltou a perder o articulador político do governo. É a quinta vez que isso acontece, em cinco anos. Essa é uma área problemática?



[Pergunta encaminhada depois da entrevista, para atualizar um fato novo.]

**Presidente:** Não é uma área problemática, é uma área importante e, por ser importante, ela é complicada porque tem uma relação política. Mas é importante saber porque nós trocamos cinco vezes. Quando nós começamos o governo, a articulação política estava na Casa Civil, com o José Dirceu e, depois, eu resolvi separar a articulação política da Casa Civil e coloquei o Aldo Rebelo para ser o coordenador político. O Aldo saiu para voltar a ser deputado e foi eleito presidente da Câmara. Veio o Jaques Wagner, que saiu para ser eleito governador do estado da Bahia. Veio o Tarso Genro para a coordenação política, que saiu para ser ministro da Justiça. Veio o Walfrido, que saiu por causa desse problema das eleições de 98. E agora tem o José Múcio.

O importante é que esse cargo de coordenação política é um dos mais importantes do governo. É uma área extremamente sensível, porque você tem que ter relações com a Câmara, com o Senado, com os partidos políticos, com os prefeitos, com os governadores. É uma área que tem uma diversidade política extraordinária, mas é uma área extremamente importante para o governo.

Eu lamento profundamente o que aconteceu com o Walfrido. Reconheço a indignação do Walfrido, porque ser indiciado por um processo que já tem 9 anos, sem que ele tenha sido ouvido em algum momento. E mesmo quando ele prestou depoimento, não foi perguntado para ele nada sobre o assunto, ou seja, foi perguntado sobre outro assunto. É motivo de ficar indignado mesmo.

Eu espero que se faça justiça, que esse problema se resolva logo. E eu acho que o governo está extremamente bem representado com a figura do deputado José Múcio. É um dos deputados mais brilhantes do Congresso Nacional, foi líder do governo nesses últimos tempos, com atuação impecável. E, certamente, manterá essa atuação impecável no ministério, como coordenador político.